

Sé de Miranda do Douro, segundo um desenho do sr. Freire Pimentel

Lançada no extremo nordeste de Portugal, condemnada ha muito a um injusto esquecimento, a cidade de Miranda offerece-nos um vivo exemplo do que podem as vicissitudes da fortuna. Cidade outr'ora unica em Traz-os-Montes, e capital d'esta provincia, séde do seu unico bispado e residencia de todas as auctoridades superiores que a regiam, esta povoação viu-se do auge do seu esplendor descer gradualmente até se achar hoje simples cabeça de comarca, honras que até lhe queriam roubar. Miranda offerecia n'aquelles bellos tempos aos olhos do viandante muitos e grandiosos edificios, da maior parte dos quaes hoje apenas existem as ruinas a attestar-nos o nada das glorias mundanas!

Já a paginas 181 do v vol. d'este semanario fallámos do seu castello, que uma explosão fez saltar pelos ares no dia 8 de maio de 1762, perecendo nas suas ruinas perto de quatrocentas victimas; havemos de ainda occupar-nos do magestoso paço do bispo, de que apenas restam as paredes, mas tão solidas como no momento em que saíram das mãos do architecto; — hoje fallaremos unicamente da sua cathedral.

Este bello edificio, que a nossa estampa representa com a maior fidelidade, está assente na parte meridional da cidade, em sitio sobranceiro ao rio Douro, que corre encaixado a grande profundidade em um leito de rochas. É precedido por um extenso adro que o acompanha tambem pelo lado do poente.

A estampa dispensa-nos de fallar da sua fórma externa; apenas diremos que o seu todo, apesar de parecer de gosto pesado (para o que não pouco concorrem as duas massiças torres), bem revela pertencer ainda aos bons tempos da arte. Mas, quem a vê por fóra, não imagina a sua elegancia e riqueza interior; e o estrangeiro solta involuntariamente um grito de admiração ao contemplar o labyrintho das arcarias e pilares que lhe sustentam a abobada, a proporção que existe entre todas as suas partes, a abundancia e boa distribuição da luz, e a grande quantidade e riqueza dos altares que a ornam em numero de doze. Torna-se sobretudo digno de menção o altar-mór, que contém cincoenta e seis santos, parte dos quaes — os que estão no quadro da Assumpção — tem grande merito artistico. As cadeiras dos conegos tambem prendem a attenção, apesar das grandes deteriorações que tem soffrido.

O auctor d'estas linhas tem, entre as principaes cathedraes do paiz, visto as do Porto, Braga, Coimbra e Lisboa, e considera a de Miranda digna de se collocar ao pé de qualquer d'ellas. É pena que se ache tão pobre, que não tem, póde-se dizer, as alfaias necessarias para o culto, e em tal estado de deterioração, que, se o governo, como é de justiça, a não subsidiar com alguma pequena verba annual para reparos, em breve veremos este monumento de architectura nacional juntar a sua ossada ás de tantos outros d'esta infeliz terra! A junta de parochia é probrissima, e a camara municipal, que já lhe dá uma verba de 30$000 réis annuaes, não póde, pelos seus poucos recursos, eleval-a. Fique pois consignado n'es-

tas linhas o brado que levantámos a favor de um templo tão digno de ser conservado.

Para melhor se ajuizar da sua grandeza, dêmos as medidas de comprimento e largura que tem interiormente, e que são as seguintes: comprimento desde a porta de entrada até ao cruzeiro 23^{m},30; dito do cruzeiro 6^{m},75; dito da capella-mór 18^{m},85; total 48^{m},90 de comprimento: largura do corpo da egreja 19 metros; dita do cruzeiro 40^{m},30, incluindo 7 metros que tem a capella do Santissimo; dita da capella-mór 7^{m},15.

Foi o piedoso D. João III que collocou em Miranda a séde do bispado transmontano, para o que conseguiu a auctorisação apostolica em bulla de 22 de maio de 1545. Logo se tratou de dar principio á nova cathedral, lançando-se a primeira pedra em 24 de maio de 1552. A parochia antiga intitulava-se de Santa Maria Maior, commenda rendosa da Ordem de Christo, da qual desistiu aquelle rei, juntando-se com os rendimentos do mosteiro de Castro de Avelãs, de que egualmente desistiu o cardeal D. Henrique, seu commendatario, para tudo se applicar á nova cathedral. O primeiro pastor a quem coube a honra de reger esta diocese foi D. Toribio Lopes, esmoler da rainha D. Catharina.

Dias de paz gozou a nova egreja até ao anno de 1762, anno fatal, em que succedeu a explosão do castello, e que marcou o principio da decadencia de Miranda. Hoje, que já lá vão tantos annos, esqueceu completamente o horror d'esta memoravel catastrophe; mas os cabellos ainda se arripiam ao escutar as narrações dos velhos que as ouviram a seus paes! Após a ruina do castello os hespanhoes fizeram saltar a maior parte das muralhas. É facil de ajuizar-se o desalento que deveria apoderar-se de todos. A sorte de Miranda estava lançada: fôra ella praça de guerra fortissima; a importancia que n'esta qualidade havia tido acabava de perdel-a, e com esta perda fugia-lhe o seu principal brazão.

Não é pois de estranhar, que o bispo que então regia a diocese, procurasse logo mudar d'alli a sua residencia; mas outra circunstancia ainda influiu poderosamente n'esta resolução. D. Frei Aleixo (assim se chamava elle), da ordem de S. Domingos, attrahiu contra si a indisposição geral dos mirandenses. Qual a causa, não se sabe com certeza, mas é tradição constante em Miranda, que ella fôra motivada pelos costumes dissolutos d'este prelado. Seja porém como for, é certo que no anno de 1763 elle resolveu transferir d'alli a sua residencia para Bragança. Esta resolução achou grande opposição na maior parte do cabido e no clero do circulo de Miranda; mas foi forçoso obedecer. De seu moto proprio e sem auctorisação canonica, D. Frei Aleixo decretou a transferencia do cabido para Bragança, a qual se realisou no dia 7 de março de 1764, que n'esse anno era dia de cinza.

Esta transferencia não foi pois requerida por ninguem, nem podia sel-o, porque n'aquelle tempo havia ruptura com a santa sé, unica competente para canonicamente a auctorisar; mas aquelle prelado teimoso na sua resolução, e a despeito d'esta circunstancia, mudou a sua residencia para Bragança, desattendendo as reflexões de alguns conegos, que recusaram obedecer, e continuaram a residir em Miranda. Mais tarde, em 1776, veiu de Roma a auctorisação, concedida por bulla do papa Pio VI, mas suppõe-se que esta foi solicitada pelo prelado que então regia a diocese, D. Bernardo Pinheiro Seixas, successor de D. Aleixo. Esteve pois a diocese effectivamente em Miranda por espaço de duzentos e doze annos.

Mudada a séde do bispado, creou-se em Miranda uma collegiada composta de onze conegos, com o ordenado annual de 80$000 réis cada um, a qual, entretanto, pela exiguidade d'este, nunca chegou a constituir-se, sendo extincta em 1825, a requerimento do bispo D. Fr. José Maria de Sant'Anna e Noronha.

A cathedral, desde 1764, ficou sendo egreja parochial, regida por dois parochos, um com o titulo de conego-prior, e outro com o de conego-coadjutor. Durou isto até 1834; desde então tem um parocho com o titulo de conego-prior.

Taes são as vicissitudes por que tem passado este venerando templo.

Para complemento d'este artigo, diremos ainda duas palavras ácerca da gravura que o acompanha.

O edificio em ruinas que se vê no fundo á direita, é o paço do bispo, de cuja grandeza não póde ajuizar-se, porque só mui pequena parte se acha alli representada; á esquerda está o cemiterio que corre parallelamente á egreja; ao longe avista-se parte de terra de Hespanha, e n'ella uma *caseta*, ou casa de vigia fiscal de carabineiros.

A. E. DE SOUSA FREIRE PIMENTEL.

O RAIO DA LUA

LENDA SORIANA

(VERSÃO DE BRITO ARANHA)

Não sei se isto é historia, conto, ou fabula; o que posso dizer é que no fundo tem verdade, triste de certo, mas da qual serei eu um dos ultimos a aproveitar-me.

I

Era nobre. Nascêra entre o estrondo das armas. O clamor das trompas de guerra não lhe fizera erguer a cabeça um instante, nem afastar os olhos sequer do escuro pergaminho em que lia os ultimos versos de um trovador.

Os que desejassem encontral-o não o deviam procurar no vasto pateo de seu castello, onde os palafreneiros domavam os potros, os pagens ensinavam a voar os falcões, e os soldados se entretinham, nos dias de folga, em afiar o ferro das lanças contra uma pedra.

— Onde está Manrique? Onde está vosso amo? — perguntava algumas vezes sua mãe.

— Não sabemos, respondiam-lhe os servos; talvez que esteja no claustro do mosteiro da Penha, sentado á borda de um tumulo, applicando o ouvido para ver se comprehende alguma palavra da conversação dos mortos; ou na ponte, observando as ondas que vão, umas após outras, por debaixo dos arcos; ou na quebrada de uma roca; ou sommando as estrellas do ceo; ou seguindo uma nuvem com a vista, ou contemplando os fogos-fatuos, que abundam e se cruzam, como exhalações, na superficie das lagoas. Estará em qualquer parte, menos onde se ache toda a gente.

Com effeito, Manrique amava a solidão, e amava-a por modo tal, que algumas vezes teria desejado não ter sombra, para que a sua sombra não o seguisse.

Amava a solidão, porque n'ella forjava um mundo phantastico, habitado por estranhas creações, filhas de seus delirios e sonhos de poeta. Manrique era poeta; nunca ficára satisfeito com as fórmas em que devia encerrar as idéas, e nunca as encerrava ao escrevel-as.

Acreditava que entre os vermelhos ladrilhos do lar habitavam espiritos de fogo multicores, que se rojavam como insectos de oiro ao longo dos troncos accesos, ou dançavam em luminosa roda de faiscas na cuspide das chammas, e passava as horas mortas sentado em escabello junto da chaminé gothica, immovel e com os olhos fitos no lume.

Julgava que no fundo do rio, entre os musgos da fonte e nos vapores do lago, viviam umas mulheres

mysteriosas, fadas e genios, que soltavam queixas e suspiros, ou cantavam e se riam no monotono rumor da agua, rumor que escutava em silencio, procurando traduzil-o.

No ar, no fundo dos bosques, no concavo das penhas, imaginava distinguir fórmas ou ouvir soídos mysteriosos, fórmas de entes sobrenaturaes, palavras inintelligiveis que não podia comprehender.

Amar! Nascêra para sonhar o amor, porém não para o sentir. Amava todas as mulheres um instante; a esta porque era loira, aquella porque tinha os labios rosados, a outra porque tinha um andar vaporoso.

Algumas vezes chegava o seu delirio até ao ponto de ficar uma noite inteira olhando para a lua, que resplandecia no ceo entre um vapor de prata, ou para as estrellas que oscillavam ao longe como os cambiantes das pedras preciosas. N'aquellas extensas noites de poetica insomnia, exclamava:

— Se é verdade, como o prior da Penha m'o assegurou, que esses pontos luminosos comprehendem mundos, se é verdade que n'esse globo de nacar, que gira entre as nuvens, habitam gentes, que mulheres tão formosas serão as d'essas regiões, e eu não poderei vêl-as nem amal-as!... Como será a sua formosura? Como será o seu amor?

A loucura de Manrique ainda não chamára a attenção do vulgo; mas, fallando e gesticulando ás escondidas, para lá caminhava.

II

No Douro, que passava lambendo as carcomidas e negras pedras das muralhas de Soria, ha uma ponte que conduz da cidade ao antigo convento dos Templarios, cujas possessões se dilatam ao longo da margem opposta do rio.

Na epocha a que nos referimos, os cavalleiros da celebre ordem tinham já abandonado as suas historicas fortalezas, mas ainda se viam erguidos os restos dos soberbos torreões de suas muralhas; ainda se notavam, como em parte se notam hoje, cobertos de hera e amygdalites, os massiços arcos do claustro, as espaçosas galerias das casas de armas, onde o vento suspirava como gemidos, agitando brandamente as trepadeiras.

Nos jardins, cujas ruas não eram calcadas havia muitos annos pelos religiosos, a vegetação, entregue a si, florecia com todas as galas, sem receiar que a mão do homem a mutilasse, julgando aformoseal-a. As plantas trepadeiras subiam enredando-se nos annosos troncos das arvores; as sombrias ruas de alamos, cujas comas se tocavam e confundiam entre si, haviam-se coberto de cespedes; e os arbustos silvestres brotavam dos emmaranhados caminhos. Tudo alli parecia apregoar a destruição e a ruina.

Era de noite: noite de estio, serena, cheia de perfumes e aprazíveis murmurios. A lua brilhava em meio de ceo azul, luminoso e transparente.

Manrique, tomada a imaginação por vertigem poetica, depois de atravessar a ponte, onde contemplára um instante a negra sombra da cidade, que se destacava no fundo de algumas ligeiras nuvens, penetrou nas desertas ruinas dos Templarios.

Aproximava-se a meia noite. A lua, que se elevára lentamente, estava já no mais alto do ceo, quando Manrique, ao entrar na escura lameda que terminava na margem do Douro, soltou um grito, grito leve e afogado, mas revelando ao mesmo tempo admiração, receio e alegria.

Víra agitar-se, no fundo da sombria alameda, uma coisa branca, que oscillára um momento e desapparecêra na escuridão. As vestes de uma mulher, que atravessára o caminho, tinham-se occultado entre a folhagem na occasião em que o tresvariado Manrique entrava nos jardins.

— Mulher desconhecida, e n'este sitio! A estas horas!... É a mulher que procuro! — exclamou o allucinado, e lançou-se em seguimento da sombra com a rapidez da frecha.

III

Achou-se no ponto em que víra perder-se, entre a espessura dos ramos, a mulher mysteriosa. Tinha já desapparecido. Por onde? Afigurava-se-lhe ver nos enredados troncos das arvores uma claridade, ou fórma alvissima, que se movia.

— É ella, é ella, que tem azas nos pés, e foge como sombra! — disse, e precipitou-se em sua busca, separando com as mãos a selva que encobria o solo. Chegou assim, rompendo tambem por entre o matto, a uma especie de clareira allumiada pelo ceo... mas ninguem alli!

— Foi por aqui... naturalmente... — exclamou então. — Oiço-lhe as pisadas nas folhas sêccas, e o rangido das vestes nos arbustos; e corria, corria, como louco, de um para outro lado, e sem a ver.

— Ainda oiço as suas pisadas — murmurou outra vez. — Julgo que fallou. Fallou, não ha duvida. O vento, que suspira entre os ramos; as folhas, que parece rezarem em voz sumida, não me deixaram ouvir o que disse; porém, não posso duvidar que vae por alli... e fallou, fallou... Em que idioma? Não sei. Foi em lingua estranha, inteiramente desconhecida; — e deitou de novo a correr. Trabalho inutil.

Umas vezes suppunha vêl-a, outras pensava ouvil-a; agora notava que se moviam phantasticamente as arvores, por entre as quaes desapparecêra; logo imaginava distinguir na areia os signaes de seus breves pés; e por fim, convencia-se de que o perfume especial que aspirava era o aroma d'aquella mulher, que zombava d'elle, e se comprazia em fugir-lhe por entre o emmaranhado labyrintho.

Discorreu algumas horas de um lado para o outro, já parando para ouvir, já andando cautelosamente, já em corrida phrenetica e desesperada.

Caminhando, caminhando por entre os immensos jardins que ornavam a margem do rio, chegou, em fim, á base das rocas, sobre as quaes se levanta a ermida de S. Saturio.

— Talvez que do cume d'esta rocha possa orientar-me para continuar as minhas pesquisas, através d'esse labyrintho — disse, subindo de penha em penha, com o auxilio da espada.

Chegou ao cume. Descobria-se d'alli a cidade e uma grande parte do Douro, que serpenteia nos seus limites, arrastando corrente impetuosa e turva, por entre as tortuosas margens que o contém.

Manrique, no alto da rocha, lançou vistas attonitas em volta de si; mas, fitando-as por fim em um ponto, não pôde reprimir uma blasphemia.

Os raios da lua caíam no rio, e mostravam a esteira de um barco que se dirigia, com toda a força de remos, para a margem opposta.

N'aquelle barco julgou distinguir uma fórma branca e vaporosa, uma mulher sem duvida, a que víra nos Templarios, a mulher de seus sonhos, a realisação de suas mais loucas esperanças. Desceu das penhas com a agilidade do gamo, arremessou ao solo o chapeo, cujas plumas pareciam incommodal-o, e desembaraçando-se da capa de veludo, correu para a ponte.

Contava atravessal-a, e chegar á cidade antes que o barco alcançasse a outra margem. Loucura! Quando Manrique chegava á entrada da cidade, já os que tinham passado o Douro, na direcção de S. Saturio, entravam em Soria por uma das portas da muralha, que, n'aquella epocha, terminava em frente do rio, em cujas ondas reflectiam as pardacentas ameias.

IV

Perdida embora a esperança de alcançar os que tinham entrado o postigo de S. Saturio, nem por isso o nosso heroe perdêra a de saber a casa que na cidade podia hospedal-os. Preoccupado com esta idéa, entrou na povoação, e, dirigindo-se para o bairro de S. João, começou a vagar ao acaso por suas ruas.

Eram as ruas de Soria n'aquelle tempo, e ainda são hoje, estreitas, escuras e tortuosas. Reinava n'ellas silencio profundo, apenas interrompido ao longe pelo latido de um cão, pelo rumor de alguma porta ao fechar-se, ou pelo relincho de algum corcel que escarvava o terreno em subterranea cavallariça.

Manrique, com o ouvido attento a esses rumores da noite, que umas vezes lhe pareciam os passos de alguem que voltára já a ultima esquina do quarteirão deserto; e outras, vozes confusas dos que passavam, e que a todo o instante cria ver ao lado; andou horas correndo de um sitio para o outro.

Parou, em fim, junto de uma casa de pedra, escura e antiga, e ao parar brilharam-lhe os olhos com indescriptivel expressão de alegria.

N'uma das elevadas janellas d'aquella casa, que poderiamos chamar palacio, via-se um raio de luz temperado e suave, que, passando através das cortinas de seda côr de rosa, se reflectiam na ennegrecida e arruinada parede da casa fronteira.

— Não ha duvida, vive aqui a minha desconhecida — murmurou o mancebo em voz baixa e sem afastar a vista da janella gothica; — vive aqui... Ella entrou pelo postigo de S. Saturio... pelo postigo de S. Saturio vem a gente direito a este bairro... n'este bairro ha uma casa, onde, depois da meia noite, ainda ha pessoas velando... quem senão ella, que volta de suas nocturnas excursões, podia estar a estas horas levantada?... Não ha que duvidar; esta é a sua casa.

N'esta firme persuasão, esperou que nascesse o dia em frente da janella gothica, onde em toda a noite viu luz, porque d'ella não afastou a vista um instante.

Quando alvoreceu, as massiças portas do arco que dava entrada para o palacio, sobre cuja cimalha se via o brazão do proprietario, giraram pesadamente nos gonzos com rangido prolongado. Appareceu no umbral um criado com um môlho de chaves na mão, e bocejando.

Assim que o viu, Manrique lançou-se para a porta.

— Quem habita n'esta casa? Como se chama ella? D'onde é? Para que veiu a Soria? Tem esposo? Responde, responde, animal.

Foi esta a saudação que, sacudindo-lhe violentamente o braço, dirigiu ao pobre criado, que, depois de encaral-o com olhos espantados e estupidos, lhe respondeu com a voz entrecortada pelo sobresalto:

— N'esta casa vive o mui honrado sr. D. Alonso de Valdecuellos, monteiro-mór del-rei nosso senhor; sendo ferido na guerra contra os moiros, encontra-se aqui para descançar das suas fadigas.

— E sua filha? — interrompeu Manrique impaciente; — e sua filha, ou sua irmã, ou sua esposa, ou o que quer que seja?

— Não tem nenhuma mulher comsigo.

— Não tem nenhuma!... Pois quem dorme alli n'aquelle quarto onde toda a noite vi uma luz?

— Dorme o meu sr. D. Alonso, que está doente, e por isso conserva accesa a sua lampada até amanhecer.

Um raio, caindo-lhe de improviso aos pés, não lhe teria causado maior assombro que as palavras do criado de D. Alonso.

V

— Hei de encontral-a, hei de encontral-a; e se a encontrar, estou quasi certo de que a reconhecerei... Em que?... Isso é que não poderei dizer... mas hei de conhecel-a. O echo de suas pisadas, ou uma só palavra sua que torne a ouvir; a extremidade ou a sombra de seus vestidos que torne a ver, bastar-me-ha para o conseguir. Noite e dia estou vendo fluctuar ante os meus olhos aquelle trajo diaphano e alvissimo; noite e dia me estão soando, aqui dentro da cabeça, o rangido de suas vestes, o confuso rumor de suas inintelligiveis palavras... Que disse eu?... Se podesse saber o que disse, talvez... mas, ainda sem o saber, encontral-a-hei... adivinha-m'o o coração, e o coração não me engana nunca. Verdade é que já percorri inutilmente as ruas de Soria, que passei noites e noites ao relento feito poste de esquina, que dispendi mais de vinte dobrões de oiro em fazer tagarellar as donas e escudeiros; que dei agua benta em S. Nicolau a uma velha, rebuçada com tal arte no manto de veludilho, que se me afigurou uma deidade; e ao sair da cathedral, em noite de matinas, segui como louco a liteira do arcediago, julgando que o extremo de suas vestes era o do trajo da minha desconhecida; mas não importa... hei de encontral-a, e a gloria de possuil-a excederá certamente o trabalho de procural-a.

«Como serão os seus olhos?... Devem ser azues, azues e aquosos como o ceo da noite; gosto muito dos olhos d'essa côr; são tão expressivos, tão melancolicos, tão... sim... devem ser azues, e são, de certo; e os cabellos negros, muito negros e compridos para que fluctuem... parece-me que os vi ondear aquella noite, quando os seus vestidos eram agitados pela brisa... os cabellos eram negros, não me illudo, não!

«E que bella harmonia produzem uns olhos azues rasgados e languidos, e os cabellos soltos, ondulantes e escuros em mulher alta... porque ella é alta e esbelta, como os anjos dos porticos das nossas basilicas, cujos rostos envolvem em mysterioso crepusculo as sombras de seus doceis de granito.

«A sua voz!... ouvi a sua voz... é suave como o rumorejar do vento nas folhas dos alamos; e o seu andar compassado e magestoso como as cadencias da musica.

«E essa mulher, que é formosa como o mais formoso dos meus sonhos de adolescente, que pensa como eu penso, que gosta do que eu gosto, que detesta o que eu detesto, que é um espirito egual ao meu espirito, que é o complemento do meu ser, não se ha de sentir commovida ao encontrar-me? Não ha de amar-me como eu a amarei, como já a amo, como nunca deixarei de amal-a, com todas as forças da minha vida, com todas as faculdades da minha alma?

«Vamos, vamos ao sitio onde a vi pela primeira e unica vez; quem sabe se, caprichosa como eu, amiga da solidão e do mysterio, como todas as almas poeticas, se compraz em vagar por entre as ruinas, no silencio da noite!»

Decorreram dois mezes desde que o escudeiro de D. Alonso de Valdecuellos desenganára o illudido Manrique; dois mezes, durante os quaes em cada hora formára um castello no ar, que a realidade desvanecia com um sopro; dois mezes, durante os quaes procurára baldadamente a mulher desconhecida, cujo absurdo amor ia crescendo em sua alma, por effeito das suas ainda mais absurdas imaginações, quando depois de atravessar, absorto n'estas idéas, a ponte que leva aos Templarios, o namorado mancebo se perdeu nas alabyrinthadas sendas de seus jardins.

VI

Estava a noite serena e formosa; a lua brilhava com toda a resplandecencia no mais alto do ceo, e o vento suspirava com dulcissimo rumor entre as folhas das arvores.

Manrique chegou ao claustro, alongou a vista por aquellas ruinas, e fitou depois espantados olhos nas massiças columnas de suas arcadas. Estavam desertas.

Saiu d'alli. Dirigiu os passos para a escura lameda que leva ao Douro, e ainda não tinha entrado n'ella quando dos labios se lhe desprendeu um grito de alegria.

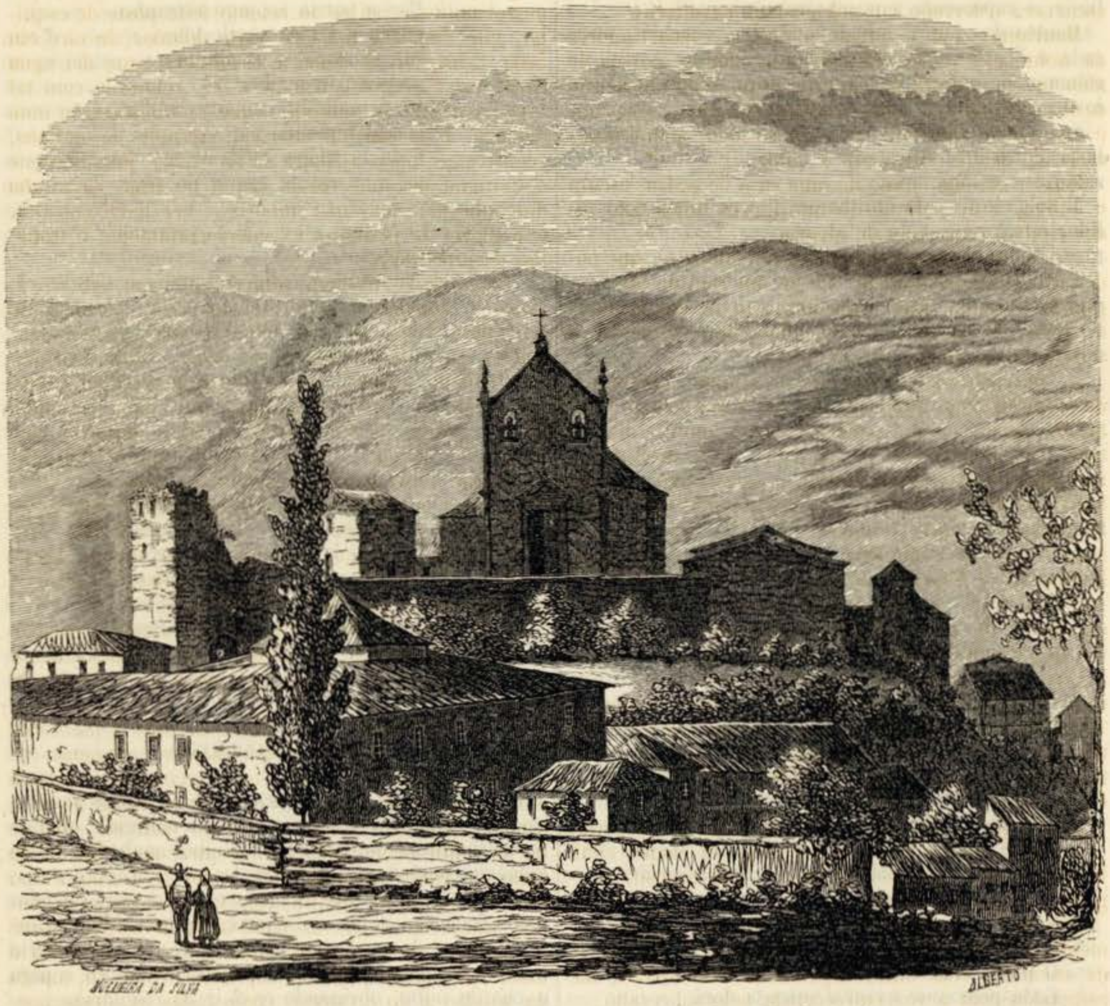
Víra oscillarem um instante, e desapparecerem, as extremidades do trajo alvissimo que vestia a mulher de seus sonhos, e que já amava como louco.

Corre, voa em sua procura; chega ao sitio em que a víra desapparecer, mas, ao chegar alli, parou. Conserva-se immovel um momento; os olhos estão como pregados no solo; leve tremor nervoso lhe agita os membros hirsutos; o tremor cresce, vae crescendo e offerece os symptomas da convulsão...

Manrique solta por fim uma gargalhada sonora, estridente, horrivel.

O trajo branco, diaphano, oscillante, tornára a apparecer-lhe ante os olhos; mas o seu brilho fôra de um instante, de um só instante.

Era um raio da lua!



Castello de Vinhaes, conforme um desenho do sr. Lopes Mendes

Um raio da lua que assomava a espaços por entre a verde abobada das arvores quando o vento lhe agitava os ramos.

....

VII

Decorreram alguns annos. Manrique, sentado n'um banco junto á alta lareira gothica do seu palacio, quasi immovel e com olhar vago e inquieto, como de idiota, era indifferente ao carinho de sua mãe e á solicitude dos seus domesticos.

— És novo e formoso — lhe dizia ella; — por que te consomes na solidão e nas trevas? Por que não procuras mulher a quem ames, e que, amando-te, possa tornar-te feliz?

— Amar!... O amor é um raio da lua — murmurava o mancebo.

— Por que não sae d'esse lethargo? — lhe dizia um dos escudeiros. — Arme-se de ponto em branco, mande desenrolar o seu pendão de rico-homem, e marchemos para a guerra. Na campanha encontrará a gloria.

— A gloria!... A gloria é um raio da lua.

— Quer que lhe cante uma cantiga, a ultima composição de mestre Arnaldo, o trovador provençal?

— Não! não! — exclamou Manrique erguendo-se com delirio; — não quero nada... isto é, quero... quero que me deixem só commigo... cantigas... mulheres... glorias... felicidade... tudo mentira, vãos phantasmas que formâmos na imaginação e trajâmos á nossa vontade; amâmol-os e corrêmos após elles, para que? para que?... para encontrarmos um raio da lua.

Manrique estava louco.

Todos o julgavam assim.

Porém, ao auctor d'esta lenda afigura-se-lhe que foi outra a transformação: Manrique recuperára o juizo.

CASTELLO DE VINHAES

Perto de 65 kilometros ao nordeste da cidade de Miranda, e 20 da de Bragança para o poente, entre uns oiteiros do monte a que chamam Ciradella, que banha o rio Mente, está situada a villa de Vinhaes, a que deu foral el-rei D. Affonso III no anno de 1262, mandando-a povoar n'um valle cercado de muitas vinhas, d'onde esta villa tomou o nome que ainda conserva.

É cercada de muros com duas portas, e tem um castello com duas torres, que mandou fazer el-rei D. Diniz, e representa a nossa gravura.

Dentro dos muros tem uma egreja parochial, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, que é a que a estampa desenha; e fóra tem outra freguezia com a invocação de S. Fagundo.

O clima d'esta villa é excellente de verão, por ter boas aguas e muito arvoredo; é abundante de fructos saborosos e mui farta.

É solar antigo de muitas pessoas nobres dos appellidos de Moraes, Sarmentos, Marizes, Ferreiras, Amaraes, Dourados, e outros.

Ha n'esta villa um convento de freiras franciscanas, que, segundo affirma o auctor da *Historia Serafica*, no t. v. pag. 756, tinha no anno de 1702 nada menos de 110 religiosas!

ADEUS DE JOANNA D'ARC

SCENA DO DRAMA DE SCHILLER, TRADUZIDO DA VERSÃO FRANCEZA DE ERNESTO LEGOUVÉ [1]

Adeus bosques verdejantes!
adeus valles! adeus montes!
adeus lymphas sussurrantes!
adeus vastos horisontes!
Não mais irei junto ao carvalho annoso,
quando nos bosques já desmaia o dia,
ouvir ao longe o som mysterioso
da santa Ave-Maria!
E o sino vibrará na immensidade
sem me vir inspirar vaga saudade!

Adeus risonha ermidinha,
onde primeiro rezei;
onde ainda innocentinha
«Deus e pae» balbuciei!
Ó meu lindo casal, eu vou deixar-te!
Cada pedra me avisa a intensa dor!
Tudo recordações! em toda a parte
a imagem vejo de um finado amor!
Vou partir! quel-o assim a Divindade!
Ver-me-heis, querida mãe, na Eternidade!

E se fujo á saudosa memoria
d'esses tempos da infancia feliz,
oh! não são vãos desejos de gloria.
Deus fallou dentro em mim! Deus o quiz!
O Deus, que as leis dictou entre os relampagos,
no cume resplendente,
que deu coragem ao seu povo timido,
quando a Moysés fallou na sarça ardente,
e que, humilhando o idolatra orgulhoso,
sabe humildes pastores exaltar,
inundando de luz o bosque umbroso,
fallou-me Elle, o Senhor, por me inspirar!

A uma outra mão, que o reja,
vaes o rebanho deixar;
vem no campo da peleja
outros rebanhos guiar!
O teu seio delicado
deve o aço revestir;
deves o ferro pesado
com a debil mão brandir.
E do amor as suaves delicias
deves sempre, pastora, esquecer;
nem d'um filho terás as caricias,
nem no altar podes laços tecer!

Mas a patria ao jugo estranho
curva a fronte envilecida;
tu, pastora, és escolhida
para a patria libertar!
Vaes quebrar com mão afoita
o servil pesado algema,
e da França o diadema
vaes na fronte ao rei poisar.

Eil-o o dia, eil-a a hora suprema!
Já manejo o pesado montante,
já na fronte, de luz radiante,
poiso o elmo que Deus consagrou!
E no peito, que cinge a coiraça,
sinto a chamma divina em torrente,
e no sangue, que pula fremente,
já dos anjos a alma passou!

Eia sôa o signal do combate!
morde o freio o ginete irritado!
já me fulge no olhar inspirado
essa luz deslumbrante dos ceus!
O vencido bretão deixa a terra,
que de escrava se torna senhora,
e eu não sou já a debil pastora,
sou na terra a enviada por Deus!

M. PINHEIRO CHAGAS.

[1] Ernesto Legouvé traduziu esta scena no seu drama *Béatrix ou la Madone de l'art*, drama que foi escripto expressamente para ser representado em francez pela Ristori.

PROCESSO CURIOSO

Havia entre os frades questões e processos tão extravagantes, que se acaso se tivessem colligido, quando se extinguiram os conventos, melhor conheceramos a vida claustral das communidades.

Possuimos a minuta de uma petição de recurso feita pelos frades vicentes ao D. prior geral da ordem, contra o prior do convento de Lisboa, que lhes queria tirar o dinheiro que recebiam para o almoço e para o chá da noite, obrigando-os a ir ao refeitorio.

Eis-aqui a petição do recurso, cuja authenticidade abonâmos. Os recorrentes venceram, segundo nos informaram.

«A v. s. recorre, com o mais profundo respeito e submissão, o capitulo conventual do mosteiro de S. Vicente de Fóra, a fim de evitar pleito contencioso, e de se lhe conservarem illesos os direitos que lhe pertencem, e que o rev. D. prior actual d'este mosteiro pretende tirar-lhe, com o subrepticio e obrepticio requerimento que no dia 14 do presente mez e anno, com despachos inauditos, mandou ler em capitulo da fazenda pelo escrivão do convento, a respeito da disposição do mesmo capitulo pertencente aos almoços.

Eis-aqui o facto, sincera, verdadeira e plenamente, como na realidade tem sido.

Costumavam-se dar almoços aos religiosos d'este mosteiro na casa chamada do fogo, além do chá á noite, e alguns pasteis pelo decurso do anno. Houve n'isto tantos e taes abusos (que se for necessario se

individuarão e provarão) que o capitulo conventual celebrado no dia 27 de junho de 1805, presidindo-lhe o rev., que então era D. prior do mosteiro, entre outras muitas providencias que tomou a respeito da administração da fazenda, como sem duvida lhe pertence pela constituição expressa, pag. 4, cap. 12 do conventual, determinou que para se evitarem os abusos e contendas que alli costumavam acontecer, se não dessem mais almoços em generos, mas em logar d'elles se dessem quatro moedas cada anno a cada um dos religiosos, que vem a ser dezeseis tostões cada mez, e cincoenta e tres réis cada dia para comprarem o seu chá, e o seu costumado almoço.

Assim se executou, não só em todo o tempo que restava do triennio passado, mas tambem até agora no presente, e com tão bom effeito, que cessaram inteiramente os abusos e contendas, que os prelados e visitadores até alli nunca poderam extirpar. Veiu o illus. e rev. padre geral actual com seus collegas visitar este mosteiro, e nada sobre este ponto determinaram na carta de visita, como d'ella se póde ver; sómente de palavra disse no capitulo, que lhe não parecia bem darem-se os almoços a dinheiro (talvez que se tivesse presenciado os abusos já mencionados não dissesse assim), porém, como isso era sobre administração dos bens temporaes, que não pertence aos visitadores, lá se haviessem e considerassem.

Conservou-se o mosteiro na sobredita posse e summa paz, até que, no dia 29 de novembro do presente anno, principiou o rev. padre D. prior actual a perturbal-a, propondo novamente em capitulo o mesmo ponto já decidido, como fica exposto. Principiou-se a votar sobre esta proposta, e chegando ao quarto vogal, disse este, que por ser a materia importante, e faltarem muitos dos vogaes d'aquelle capitulo, requeria se differisse para o outro dia, na fórma da constituição pag. 4, cap. 12, § 5; e por isso ficou por então suspenso este capitulo, como é de lei e de costume, faltando ainda mais de duas partes dos que alli estavam para votar. Mas agora o rev. D. prior litigante, contra os direitos do cabido, em logar de o convocar no outro dia ou nos seguintes, o dilatou por muitos tempos, procurando entretanto clandestina e disfarçadamente obter ou extorquir os despachos que se acham proferidos no seu requerimento, que no dia 14 de dezembro do presente anno em capitulo conventual mandou ler pelo escrivão do convento; cujo requerimento depois de lido com os seus despachos foi logo alli notado de obreptício, subreptício e insubsistente, e foram nomeados pelo mesmo capitulo os conegos D. Francisco da Pureza, e D. Francisco da Soledade, para formalisar um recurso em nome do capitulo, e com elle recorrerem a quem de jure se deve recorrer, para se aclarar a verdade, e pôr em seguro os direitos do cabido que pretende tirar-lhe o rev. D. prior actual d'este mosteiro.

Sobre este facto é que versa o presente recurso, a respeito do mencionado requerimento tão obreptício, subreptício e insubsistente como demonstram as razões seguintes.»

Seguem as taes razões, tiradas de varias constituições da ordem, e usos fradescos, que não transcrevemos por extensas, e sem nenhum interesse.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

49.°

DO USO DOS TERMOS FAMILIARES E PLEBEUS

Antes de passarmos com o auctor da memoria que havemos extractado, a tratar dos termos *burlescos*, convem adduzir algumas opiniões auctorisadas sobre o uso dos vocabulos familiares e plebeus.

O sr. dr. José Feliciano de Castilho, que tem enriquecido a philologia portugueza com muitos e notaveis escriptos sobre a lingua materna, tratou o ponto de que ora nos occupâmos, com a copiosa erudição que distingue este sabio critico, no apendice á *Paraphrase dos Amores de Ovidio*, do sr. A. F. de Castilho, desde pag. 257 até 272.

Tomando por argumento d'esta importante dissertação o emprego que o admiravel paraphrasta tinha feito da palavra *rapariga*, no verso 38 da canção 1.ª do l. I, que alguns tacham de plebéa e impropria da poesia, defende-a elle como mui graciosa e euphonica. E d'aqui segue a apurar contas com certos malsins litterarios, que querem proscrever da nossa lingua, sem nenhuma razão, termos necessarios, formosos e gentis.

Rejeitando da escripta todos os termos indecorosos e sordidos, acrescenta:

Agora, quanto ás phrases vulgares, populares, ordinarias, communs, triviaes, usuaes, corriqueiras, plebéas (o que tudo póde ainda ter uma significação muitissimo decente), sim, as empregaremos, sempre que o demandarem os assumptos, as situações, ou as figuras em cuja boca as pozermos. Digamos nosso sentimento quanto a este ponto importante da arte de escrever.

Resulta o estilo da escolha no colligir e dispor os vocabulos, conforme as leis da harmonia, pelo que respeita á elevação, á simplicidade, á natureza do objecto; é elle a maneira, o tom, o colorido que reina em uma obra, ou qualquer parte d'ella. As principaes distincções do estilo dependem da diversidade dos assumptos. O mesmo modo de expressão seria tão improprio em occasiões differentes, como o mesmo trajo em pessoas de varias hierarchias, em diversas estações do anno ou latitudes do globo.

O estilo philosophico pede precisão e raciocinio, rejeitando ornatos e figuras rhetoricas. A primeira condição da conversação familiar, da carta, da fabula, é ser pura, clara, facil, simples, natural. O estilo sublime quer nobreza sustentada, dignidade, magestade; sentimentos sempre elevados, phrase sonora, altiloqua. No estilo pathetico importa fallar, não á cabeça, mas ao coração. O dialogo da sociedade aristocratica deve ser delicado, gracioso, fino, elegante. O estilo do homem de imaginação, rico e brilhante. O da epopéa elevado e pomposo, como o sublime. O da satyra forte, energico, vehemente, incisivo. O da historia correcto, varonil, nervoso. O da maxima apertado, conciso. O pastoril florido, singelo, como infantil. O dos contos brincalhão, attractivo. O da sciencia severo, didactico. O dos tumulos, lapidar. O do interior, familiar; e ahi se subdivide o familiar em alto e baixo, analogamente á sociedade, que se compõe de familias fidalgas e plebéas.

Tão ridiculo fôra fazer fallar uma serva linguagem de rainha, como a rainha a de serva. E tanto essas duas anomalias, como empregar para uma oração funebre o estilo bucolico; para uma farça o dogmatico: o didactico para a satyra; para a historia o dithyrambico, ou o burlesco para a epopéa. Diz Voltaire: «Le style des lettres de Balzac n'aurait pas été mauvais pour des oraisons funèbres; e nous avons quelques morceaux de physique dans le goût du poème épique et de l'ode.» — Um logar para cada coisa e cada coisa no seu logar.

Houve quem censurasse Petronio de egual defeito; no que lhe tomou a mão o grande Ménage, dizendo que esta baixeza e trivialidade de expressões, que por vezes parecem deslustrar o estilo do auctor do *Satyricon*, «são a obra prima da arte», porque nunca as põe senão em boca de servos, de povo ou de libertinos. De Guerle acrescenta: «A par d'essa linguagem, quando a accommoda ás personagens, observae com que

elegancia faz Petronio fallar a gente fina; este merito é tão precioso, quanto é raro.»

Perguntava Massillon: «Fostes vós prendado com alma de outra especie que a dos homens vulgares? Não; mas com outra especie de educação.

....

É fugir de estilo sêcco, diffuso, languido, obscuro, affectado... ou improprio.

O tudo é saber buscar para o objecto o estilo adaptado, natural, conchegado com o seu assumpto, harmonico, complemento phonico da idéa; é isso que Pascal resume n'esta formosa phrase: «Quand on voit ce style naturel, on est tout étonné et ravi.»

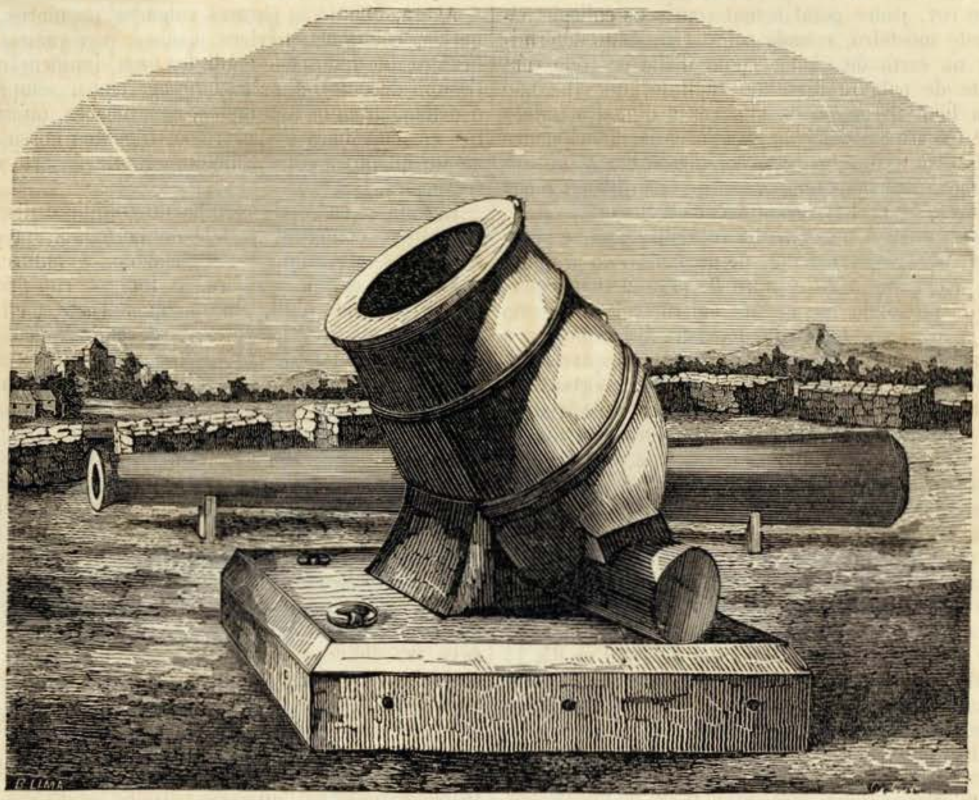
Este estilo natural é o que vae colher a natureza em flagrante; é o que pede emprestada ao soldado a phrase militar, ao vate a poetica, ao nauta a maritima, ao sabio a technica, ao rei a elevada, a trivial ao popular.»

Para comprovar esta doutrina, adduz o sr. Castilho muitos exemplos, alguns dos quaes apresentaremos no artigo seguinte.

UM MORTEIRO MONSTRUOSO E A PEÇA DE DIU

(ARSENAL DO EXERCITO DE LISBOA)

Quando a pag. 269 do vol. passado, démos a gravura de um morteiro monstruoso fundido na America, recentemente, tido e havido por um dos famosos inventos bellicos em que tanto se tem singularisado os



Morteiro monstruoso e a peça de Diu

dois partidos d'aquella guerra fratricida, dissemos que no nosso arsenal do exercito (fundição de cima), havia dois morteiros de maior calibre, de que opportunamente dariamos o desenho.

Cumprimos hoje a promessa, publicando um d'esses morteiros na gravura junta, com a declaração de que existem cinco, no arsenal, e não só dois como nos tinham communicado.

São todos de bronze, e das mesmas dimensões, com a data de 1774. Pesa cada um 1808 kilogrammas. A boca tem de diametro 41 centimetros, mais 8 que os morteiros agora fundidos para a guerra da America, que tem 33.

Todos os cinco estão desmontados, mas para melhor se mostrar na gravura, o nosso desenhador figurou este sobre uma placa ou cepo, sem as munheiras que deve ter para o movimento do morteiro.

Juntou-se a esta estampa a celebre peça de Diu, que foi tomada com a cidade que lhe deu o nome por D. João de Castro em 1546.

D'esta famosa boca de fogo tem tratado já muitos escriptores nossos, e nomeadamente fr. João de Sousa, professor e interprete de lingua arabe, o primeiro que traduziu a inscripção que tem a dita peça, com varios commentarios que se podem ler no vol. v das *Memorias de Litteratura Portugueza*, publicadas pela academia das sciencias de Lisboa.

A traducção de Sousa é esta, e a reproduzimos por se haverem publicado outras, que julgâmos não merecerem egual credito:

«Do nosso soberano rei dos reis do seculo; protector dos filhos de Setraham; defensor dos preceitos do Alcorão; destruidor dos Tanéos; expugnador dos idolatras; vencedor no dia da peleja; confidente em Deus; herdeiro do rei Soleiman; liberal e dotado de todas as excellencias; Bahadarchach. Esta peça foi fundida a cinco de Zicade de 939 da Hegira» Corresponde aos 4 de agosto de 1533 de Christo.

A medição que mandámos tirar da peça de Diu é a seguinte:

Comprimento $6^{m},2$ — diametro da culatra $0^{m},70$ — diametro da alma $0,^{m}24$ — Peso da bala $45^{k},9$.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.